



CLARISSA MACEDO

**A CASA
MAIS ALTA
DO TEU
CORAÇÃO**

Biblioteca
Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Superintendente-geral da Cultura

Luiz Felipe Leprevost

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha

Jurados

Cristiano de Sales e Luísa Cristina dos Santos Fontes

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Macedo, Clarissa

A casa mais alta do teu coração [livro eletrônico]/ Clarissa
Macedo. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.
60 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital - Categoria poesia"
ISBN 978-65-89223-23-8 (e-book)
PDF

1. Poesia brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)
B869.1

A CASA MAIS ALTA DO TEU CORAÇÃO

CLARISSA MACEDO

SUMÁRIO

5 REJEIÇÃO

6 ENDEREÇO

7 ANATOMIA

8 CENÁCULO

9 TABERNÁCULO

10 PERPÉTUO

11 INÚTIL PAISAGEM

12 CONSANGUÍNEA

13 SÚPLICA

14 QUESTIONAMENTOS

16 INEXTINTA

17 PARTILHA

18 APARIÇÃO

20 DESTINO

21 SURPRESA

22 SOLISTA

23 CENTER SOCIETY

24 PATER FAMILIAS

25 PENUMBRA

27 ESTRANGEIRA

28 POSTAIS

29 FOLHETIM

30 INAPROPRIADA

31 PRIMÍCIAS

32 COLUBRINA

33 ESPÍCULO

34 DO ABRUPTO

35 PEQUENO TRATADO
SOBRE A MORTE

43 LUTO

44 COBIÇA

45 PEDIDO

46 AMBIÇÃO

47 EPISTOLAR

49 TESE

51 SIBARITA

52 RECORDAÇÃO

53 RASGO

54 [NA FACE ESQUERDA
DO ROSTO...].

55 CANTIGA PARA
AMANHECER UM AMOR

57 COTIDIANO

58 CAMINHANTE

Rejeição

Teu olhar ginecológico
habita o meu aquário
de usuras e medos.

Profissional, asséptico e vidrado
o deslocar dos teus olhos
ofende o meu útero,
cansado da espera.

Enquanto me curo da tua ausência
da tua face clínica e distante,
que jamais arranca o chamado do meu apelo,
bordo a falsa flor,
laureada de armadilha,
clandestina
como a agulha que não soube usar
e que espetei na casa mais alta do teu coração.

Endereço

Minha casa é uma ilha

Um mar que secou há tanto

Onde os pássaros bebem a bile dos meus sonhos.

Anatomia

A vida inteira
é como se acabasse de começar.

A tragédia da criação e sua luz de amor profundo,
algas que dançam no corpo da tempestade.

Muitas noites são como dedos de sal e fragilidade
um peixe cujo retiro não se sabe.

Amei um vegetal de ternura e os fantasmas de infância.
Fui um búfalo nos olhos da floresta
e guardei numa urna o pólen da esfinge.

Não sou profeta, mas um pastor de estrelas,
que não morrem, posto que atrasadas no espaço.

Teu sol foi uma pátria em mão amiga.
E os anos, uma corda de inocência no espelho do Atlântico,
um traço de mácula, uma farsa na terra mais antiga.

cenáculo

Ao pé das Oliveiras,
um alaúde queimava
e ele via as cordas.

Sob a árvore do deserto,
uma lágrima de pudor
e a fuga ao coração do incerto.

Judas, o mais amado,
sem prata, um sopro,
um engano à mercê
do medo –
do Senhor, um olho.

Tabernáculo

Sempre será o filho
carregado pelo rio Nilo
flechado pelos galhos do Saara.

Teu bebê, de ventre falido,
levado a cavalo
pelas tetas do universo
pela rebelião dos esporões
por um senáculo sem legenda

um ternário sem ritmo, uma fenda
um cipó de lama e inanição.

Teu bebê nas águas do rio de mistérios
calejado pelos abricós, tantas trincheiras
além do Mar Vermelho;

um entalhe na candeia da tua mão.

Noutro planeta, serão as Galáxias
a cerrar o tempo,
essa alquimia de basalto e multidão.

Perpétuo

Uma encosta
um leme de celas
que sobrevive
à interrupção do tempo.

Um salário de medos
veste a carapaça,
tigre de oito metros.

No infinito,
um relógio esquivo permanece.
Na intermitência,
o cortejo dos solos que deixaram
dos deuses que temeram.

inútil paisagem

Quantos sacrifícios, o corpo?

A quantas guerras terei de ir
quantos lares vazios
quanto sangue derramado
para me encher de paisagem?

Só amo os poemas que perco.

Meu amor é um claustro.
O país aterrado
como soldado que decide desertar.
Comeu-se a memória.
Minha parricida é morta.

E eu, feito espuma sem água,
não sucumbo mais.

consanguínea

Sou uma nômade entrecortada pelo vento,
película que não sabe de onde veio
nem pra onde vai.

Uma capa encarnada que celebra
e dorme.

Minha liturgia é o gérmen, a rocha
o broto de arrecifes na esquina
um afago, um rosto, o perdão.

Uma viajante
esquartejada pelos genes
pelo crepúsculo, essa detração.

súplica

Me ensina a ser dura,
pai, como os homens de pedra.
Me mostra como ser faca e ferro,
como não sangrar, nem debruar
os átrios de saudade.
Me desvenda o mistério
de enxugar a lágrima
de descamar o amor ainda em botão.
Me lega o segredo de ser rija,
de ser tronco, de ser haste,
seca como a folha que,
marrom e ao chão,
há muito morreu por dentro.
Tem compaixão, pai,
desta filha franzida
que todos os dias
engorda as garras
com que flagela
as próprias asas.

questionamentos

Onde andará esquecido?

Por onde falta?

Onde navega, trafega, divaga?

Será que anda de ônibus?

E se anda, paga ele o passe?

Será que ao cruzar a roleta aninhará num colo o regaço?

Será que voa, pesca, faz compras?

Terá ele atropelado alguém na rodovia?

Será que gosta do clima equatorial?

Fará testes no trópico?

Onde tece suas veias?

Será que aparece à mesa?

Janta com a família? Assiste TV?

E depois ouve narrativas e estórias?

Corta a cidade com faca?

Anda pela noite? Inaugura o dia?

Cisma? Se encolhe?

Sentirá medo? E calor?

Folheia sua própria página?

Que lamentos entoará?

Será que vive em alguém?

Terá sido, algum dia, lido? Falado? Calado?

Na linha das contas que atravessa provérbios e palavras,
perguntou estas coisas depois do produto vendido.
Seu livro é como um filho
que doou para se salvar.

inextinta

Corre à boca pequena
que a poesia morreu,
que, a pretexto do inútil,
manava dinheiro, sustava cheques,
ganhava auxílio, paletó,
gasolina,
comprava Ministérios,
leiloava a própria vida;
e que, por isso, agora,
estava morta
sob a paz do jazigo.

Corre, à boca pequena,
também,
um versinho, magro,
miúdo,
que cresce
como cresce a solidão
do dilúvio.

Partilha

Fui um bebê alegre,
de bochechas pro mundo
e sorriso terno,
mas pouco celebrado.

Hoje, inscritas nas maçãs
do rosto, estão a secura,
remendos e afluentes
que correm
e miram claves
entre a vida e a morte.

Nesta brenha de cortes
e sezões que se tornou meu corpo
há um espectro que reporta
do idílio muitas crianças
com quem compartilho
a dor de ter nascido.

Aparição

Imberbe,
uma mocinha de têmeoras roxas,
que não sabia se Ortega y Gasset
era uma ou duas pessoas,
mirou-se no oculto
da fotografia
e espreitou um rosto que parecia ser o seu,
mas que era outro,
mais lôbrego,
um óvulo, uma cimitarra.

Ali, começaram os problemas
e “o que sou” “por que existo”
“para onde vou” “de onde venho”
nunca a abandonaram:
perseguem-na até hoje,
onde a luz noturna finda
e o grande medo reaparece,
permanente,
como a queda de Roma
como os milênios
em que Jesus,
manso e humilde de coração,

deu-se em sacrifício
a quem não vale um dente.

destino

A mulher imita os passos da menina:
o cheiro da camisa para cessar a febre
a dor do homem que parte sem qualquer recado.
O pai que a deixou se repete nos homens que a renegam;
cada um que vai ativa uma ferida
um caos que não dá pra organizar.
As promessas, os detalhes: tudo se perde quando o
[homem sai.

No tempo que trafega a chaga é mais funda
e a sutura menos comum: precisa de metros de linha,
que seja maior o bisturi, as mãos mais hábeis.
Como um céu que depõe contra o seu azul
não deseja mais a cura.
A vida nela se perdeu
como alguém que nasce para cavar a própria tumba.

surpresa

Não fui a garota que todos esperavam

[porque a mim nada foi creditado]

— “Será igual ao pai”, diziam

[aquele que me foi(-se) tirado].

Não fui a boa menina,

mas uma paisagem caricaturada:

por fora, o avesso, a penúria, uma linguagem muda

por dentro, um cacto de selênio e violência.

(Uma poesia autoafirmativa como esta não pode valer

[a pena].

Uma menina, inesperada;

uma mulher, horizonte irrecuperável.

solista

Em todas as eras um alvéolo me namora.
Ele, com seu idioma de topografia e ecos atrasados,
me lança no rosto e nas mãos uma verdade:
teu país te chacina
teus pais depositaram teu manto na porta de um lavabo
teu amor te salgou o coração como quem observa a
[pólvora que come o pavio
teus amigos estão na vida, a tentar entendê-la
e tu, como pano roto a secar sem enxágue,
pulsa branda no mofo de tua própria estrada,
a solista de um teatro em que ninguém paga entrada.

center society

Nascemos divididas:
elas de pele alva,
eu, mestiça.

Eu venho da terra, das madeiras,
de um curtume de pétalas
e morei na copa, chão abafado.

Elas, vêm das casas de vidro e aço
da cama que me roubaram
e que só há pouco soube que me pertencia.

Assim viemos,
pela polis cindidas, pelo mato,
pelos grãos de veneno da mandíbula
a cada nota cravejada nos *malls* da vida.

pater familias

por muito tempo vivi outra vida
casa-errada-família

por muitos dias fui bastarda
a menor na casa de meu pai
uma criada sem sobrenome

eu, essa lembrança de eletrodos
que batiza o corpo de colmeias,
vim pousar aqui, falida
um lampadário de coxas e metal,
a menor de todas as casas.

hoje, que sou concha atravessada
pelo espaço,
joguei fora os panos com que me cobria
e ainda vingo sob os escombros
há mais de 600 anos, dizem.

Penumbra

Retirei as pedras dos bolsos
na travessia do rio
mas era tarde: elas estavam comigo,
como as mãos que carrego
e que trouxeram,
tantas vezes,
as pedras ao meu casaco,
ao meu vestido.

Eu, que no rio sou guelra,
cubro-me de pântano e escama,
atônita
como as moléculas da baía.

Há muito não me comovo.
Por isso volto aqui:
vazia, de pedras nos bolsos
uma face de energia e lamento
luz de mentira e lassidão
uma pedraria completa no lenço
a afundar
esquecer
que um dia plantei beijos

e nasceram monstros
aqueles que, inda hoje, me cobrejam.

Estrangeira

Andarilha, abatida de tantas passagens,
deixei pra trás aquela terra –
barco de gente doente
de homens hostis, de mulheres covardes.

Terra de cinzas e juramentos:
na tribuna da tua praça
passeia um soldado amarelo
vestido de prata
e andam de mãos perdidas
borboletas que choram a cidade

teu sol quente não quara os pecados
dos teus filhos –
objetos que matam quem por ti passa.

Pátria feia, seca, gasta
terra de ninguém que deixei pra trás
lugar que faz chorar a quina da estrada.

Postais

Das ruas de Cartagena
aos becos de Paris;
das estradas dos Pampas
aos campos do Cerrado;
das águas do Rio
aos olhos de Brasília:
peregrina.

Lúcida serpente
que se encolhe no asfalto
busca uma casa –
do mundo, um ínfimo pedaço.
Eterna expatriada, ave forasteira:
estranha, estrangeira de mim mesma.

Folhetim

Tenho um lado brega no seio
um jeito torto de amar os outros
um fetiche pelo corno
espécie ao qual estamos fadados –
assim, no meio-dia dos motéis lotados,
no trapiche do desejo.

Tenho medo. E choro.
Como é difícil apagar as luzes dentro de mim
e olhar pra dentro sem colírio nos olhos.

Nascer é doer um pouco. Nunca estamos preparados.
E viajamos, dos dias da puerícia até o branco dos cabelos.
Rezo pro nada, agora. Apanho um colibri no volume das
[horas
e fruo os arcanos que cada dia encerra.

Sou um monte de esperança enganada
da vida uma luz, apagada.

inapropriada

Fui uma mulher pela metade.
Nua e exposta inteira na cama
fui apenas o buraco do teu desejo
quando salgavas o nome de outras
nos movimentos do relógio.

Cada vez em que deitava contigo
uma infecção me tomava da boca ao princípio
e eu enfraquecia em vigor e palavra
na presença de uma enorme contrição.

Hoje, que já não sirvo sequer
pros teus arroubos de homem com fome,
sou um móvel de pé quebrado
no quarto das inconstâncias.
E quanto mais distante fico
mais a tua felicidade de classe abastada
se agiganta
perante a minha fraqueza de mulher que ama.

Primícias

Quando te deflorei,
era frio na casa
e teus braços reviravam
na angústia do anseio;
era março, talvez.

Te deflorei como casulo
a abrir-se em membrana e entalhe;
te amei com olhos de cio
e tu viraste um escravo,
a revoltear de selva e volição.

Te amei em torno das sementes
enterrei a infância que te restava
e sussurro até hoje, sob o alívio do alento,
a tua boca, que fez morada no meu corpo,
eterna, uma couraça de prazer e indolência.

colubrina

Estou velha para o balé
já não posso cantar.
Mas não por isso costuro poemas.
A textura de brita
está no plasma
na água leviana da madre
e vive flutuante, quase feliz,
na guardiã amniótica,
de tudo, a mais algoz,
de todos, a mais amada.

Espículo

Onde eu estava?

Quem era quando, desavisada,
olhava de longe o percurso dos anos?

Todos sabem da morte,
e dizem dela com intimidade.

Hoje eu a topo de frente,
como um cão olha a tarde
como um pássaro que, sísmico,
pousa nas remotas asas.

DO abrupto

Molhar as plantas

Comprar sabão

Depenar as frutas

Saudar os óculos

Amarrar sapatos

Limpar os poros

Minha mãe é morta.

Pequeno Tratado sobre a Morte

I

Vieste, aos 20, a uma terra estranha.
Nela desenharia uma grande estrada,
uma úlcera, uma ínsula.

Uma rocha habitou teu corpo de mágoas
húmus que revolve ritos e sépalas.

No teu caminho, homens violentos,
um sangue fanho, paixões e dilemas.

A tua meninice foi deposta
pelo pai, que partiu da vida
sem maiores pistas,
que te deixou sem o remanso
com que te acolhia.

Deixaste, numa só tacada,
teu amor e tua raiz,
casa jamais esquecida.

Quantas vezes a história da nona foi contada
quantas vezes o pálio guiou verdades e enleios
lonjuras e crisântemos
os primos, os gatos, a lagoa, os pêssegos
os doces da infância, um gosto que não se pega adiante
as árvores, o avô:
muita légua arrancada do meio do peito.

II

Viveste.

Superaste um retorcido, que do álcool subsumiu lamentos.

Amaste alguns homens, não logrou o museu.

Erraste, até a palhoça de comércio e sol.

Lá tiveste uma filha,
que viveria longe de ti
embora sempre na memória.

Lá ergueste uma casa,
abrigo que lhe seria retirado,
um lago de esperança e sentimento.

De lá, iria ao mar das praias e a alguns dias felizes.
Neste sonho, receberia um homem que não te esqueceu.
Concebeste outra filha, e quase um filho.
A filha que lhe cuidaria até os últimos dias
e que será no mundo totem da sua história,
um espantalho de saudade no curtume do tempo.
Filha que chora sua partida, que pensa nas tintas, nos
[rumos, nos cânticos, na caligrafia.
Vermelho, sempre vermelho.
Uma fé, um estandarte, uma quimera de sulco e solidão.

III

Quantos dias sofreste sozinha?

A vida é solitária como a morte, e não há oração que aplaine esta sentença; não há alegria que estanque seu rosto.

Não é a mesma, nunca será a mesma, e guarda toda a lucidez do mundo, aquela que só a morte descortina, como moça que, vinda do interior, tem a pele castigada pela poeira que do ar declina; como pároco que, em meio ao batismo, tem vontade de fugir pro rio e abri-lo, a mergulhar a cabeça em orlas de lavagem; como relógio que, finalmente, quebrou a pilha, mas sabe que não deteve o tempo, cujo ensaio fez do humano fetiche e bandagem.

IV

Mãe, um delírio de amor sobre a aura da terra.

A gente sonha com o que nunca vem, e constrói um elmo em torno das sendas, como se dominássemos sua técnica, como se escolhêssemos algo na jornada.

Alinhavo as praias que queria ter ido contigo, os encantos construídos, os poemas que queria ler.

A vida é agora, e a mãe está no céu, a sorrir para o infinito.

Eu, travo em seu colo.

A existência, uma salsugem de sentido.

Mãe, me leva contigo?

Me dá de tua fonte, as águas para nadar e o privilégio de ouvir os teus ouvidos, comer da tua comida, deitar na tua barriga.

Tu foste o único lar que conheci, minha matéria mais viva, meu amor, meu enigma. Como ficar se tu és, já, ida?

Nenhum poema suprime essa doença.

Quanta ilusão escrever; quanta pretensão gerar um livro.

Se é verdade que poetas correm como cavalos na neblina, eu sou a grama onde todos passam, repisada, batida.

Minha mãe numa terra estranha. Eu, sem ela, uma estranheza, um disco repetido. Este é o único poema que escrevo, e sob o gesso que conservou meus ossos em desalinho, já não há cobiça; deixo o sol correr sem guarida, e que o solo leve o que nele está, melhor que levar o que não é dele onde não se caminha.

V

Três anos viverás nesta nova casa. Deixará semente? Adubará um rio?

Sente o gelo agora?

A terra não te deixei tragar. Rezo para o silêncio e tenho rompantes noturnos; um em que vou ao cemitério e levo teu corpo comigo, para que eu siga a te cuidar, mesmo nessa outra vida, em que não precisas mais de mim.

E eu, lanho de serras e falésias, preciso profundamente de ti.

Rogo que me visite e tome pela mão. Te persigo. Não fui ainda àquela casa, a que de ti levaram sem teu consentimento. Nunca haverá perdão.

Mãe, o que fizeram contigo?

E eu, o que fiz?

O que tu fizeste comigo?

Não há compaixão para o que não há volta, para o laço alquebrado.

Mãe, te vejo à porta, vigiando baixinho meu sono, e sinto [alguma paz no mundo. Mas tudo é passado. O que há é o oco que inunda.

Ninguém há para os filhos quando a mãe parte.

Não há para os filhos, nada.

Mãe, volta.

VI

Perdi uma mãe, e todos os títeres do mundo.

Mãe?

Imagino que te ouço, e olho as poucas fotos que deixamos nesse ventilador de desenganos que foram os dias.

Me sinto em dívida.

E a noite é frígida como os adobes que sumiram na ventania.

Teu grampo, tuas órbitas numa câmara de pedra.

Tua paisagem é uma foz silente que seca na geada,
que suga os peixes, as ondas e as mansardas.

Teu cheiro é de uma casa perdida.

Onde te busco, me perco

e nos lóbulos cansados, a pálpebra engoliu as pupilas, cansadas de tanto lacrimar.

Não te tenho à fimbria do açoite.

Não te amargo no ventre do corte.

Apenas a tua imagem, revolvida e grávida,

me sutura da lembrança de teus olhos fechados,

daquele embrulho em que puseram minha pureza, meu sentido e ferida.

VII

Um fósforo se acende na cancela
e eu sou um engodo, assombração de mim mesma,
sem ti, perfurada e ressequida.

Luto

Quando os remédios me deixam falar
sinto a sigla do universo inteiro
e vejo tuas raízes
abandonadas por uma terra alheia.

Sozinha, no dorso da alabarda,
cruzaste procelas e fantasias
um quarto sujo e uma lupa,
que te mostrava leões e perigos.

Só, vivia à margem;
mas o que não sabes
é que, sem ti,
sou a maior hóspede do exílio.

cobiça

Todos têm mãe – eu penso –
e sentem seu cheiro
o colo aprumado
o aviso do casaco mesmo em dias de sol
a mãe, porque é mãe, e só.

Fundo, abrigo do mundo,
o umbigo inscrito nas esporas de um livro.

Todos têm mãe,
e eu lhes tenho inveja.

Mãe, hoje cego isolamento
na história
um mito, a secura na flor da memória.

Pedido

Espia,
quero voltar ao teu ventre;
me guarda de novo, pra sempre?

Ambição

Queria, agora, a solidão dos Golfos
as areias do planeta mexicano,
onde a morte é a tradução da vida
e a alegria, que comove, o dardejar do espanto.

Lá, choraria até secar
e abriria a porta no colo das irmãs carpidas.

Eu, misto de ranhura e tarja preta,
sonho com demônios,
os que tomaram à força
o país em selo,
e sulco os vermes que visitam o osso de minha mãe
meu punho, cristal em degredo.

Epistolar

Me encontro em vigília
bicada pelo canto soturno das armas
atropelada por um caminhão sem rodas
pelo mais inútil dos ombros.

Aqui, nesta jaula que é o curso da tua falta,
fito o quarto maior que minha casa,
aquele engano, a cilada que nos armaram,
e me interpele.

Projeto no teu adelo a pergunta que sempre nos fizemos [quando repetíamos, por semanas, o mesmo prato uma vez ao dia: como é ser rica? Como será espalhar fotos de viagens, adereços, escolher o que comer e o que virá, os perfumes, as águas cálidas, a insígnia da mesa e os jardins na calma de uma tarde?

Tudo isso me invade sem o teu amor
sem as tuas rosas e sinos,
sem tuas mãos maltratadas pela química
das tinas, polidas desde os nove anos.

Ante o meu assombro na longa casa
eu te abraço sob o perfil da morte,
este absoluto intacto que nos assalta

e que me acena

a cada vez que repito teu nome,

saudade.

TeSe

Há tanto que queria te ensinar, mãe:
que a antítese caminha na contramão
que a lua de sangue é fenômeno antigo
na astrologia dos homens
que Eros e Afrodite fugiram de Ares
e se agarraram no oceano
que meu coração sempre esteve aberto
como um temporal de núpcias
e que você é meu grande amor.

Tanto, mãe, tanto que esperávamos
o mar;
você se foi, e eu, eu fiquei
espelhada pela maré
à espera de me juntar a ela,
fundo,
tão fundo que ninguém, jamais,
a não ser você,
poderia me encontrar.
— Salvem um corpo – diriam,
do alto da proa.
E eu, salgada e submergida,
sussurraria, com água nos pulmões:

– Me deixem, estou de partida, fugida,
pra sempre deixada,
feroz, pra sempre caída.

sibarita

É difícil olhar os mortos
encarar seus medos, faltas
e anseios.

Na inscrição tumular
uma pequena frase
sequer uma fagulha do que foram:
nome, data e ancoragem.

É difícil deixar os mortos
quando quem nos vela
é um abcesso ríspido
uma artilharia sem adeus
um ensalmo sem riso
uma sáfara sem pai.

Recordação

Carrego mudas no peito
e uma pele de histórias:
as escaras do pássaro
e a tragédia do umbigo,
partido ao meio.

Na cara, as linhas sem costura –
violetas.

Muitas foram as marcas que me puniram:
a pedrada na cabeça
a bacia de água nos braços
e um falo caído nos meus glóbulos de seis anos.

RASGO

Ralfe Rufalara
vê os olhos da menina triste.

Naaf Naftali
observa os meninos de bicicleta.

Dulco Gianês
atravessa os pais para a oferta.

Na inocência da meninice um
milk-shake é isca
à chacina da infância
ao clube dos crimes em -ia.

[Na face esquerda do rosto...].

Na face esquerda do rosto:
ali vivem os remorsos
e caem lágrimas da angústia
que flerta nos dias

só, abriga o olhar adiado
a ternura incendiada
o escarnecer da alma.

Doem meus joelhos
de tanta espera,
e se profunda espero,
rezo os terços inventados
no tédio dos cometas
e da minha idade.

Troco a lâmpada queimada.

Na luz que exala agora agonizo
no véu de lume
que tapa de claridade
a minha tristeza
neste país sem comiseração.

cantiga para amanhecer um amor

Acorda, meu doce acorde,
que o dia é cama
para o que se entrega
e nada nega
para quem deseja, feito pássaro,
flertar folhas e cantar.

Acorda, doce acorde,
que o marulho salva
os corais afogados
e as algas que choram
como pedras depois do mar.

Sem ti acordado
o vazio é céu só memória
como nuvens
que despem a chuva
depois de lavar.

Acorda, forte acorde,
que um coração

de alta nota te chama
como quem, num delírio,
despertou a beleza de amar.

cotidiano

Mais um dia na velhice dos anjos

juntando, certo-errado, os próprios cacos;

septo criptograma

a crossa humana,

um corpo preparado a ferro,

e o amor

adubo de desvario que não cede.

caminhante

Somos uma couraça forjada na
Ilha de Pedras,
um falso tapume
onde as ninfas nos aprumam e aquecem.

O amor é como um portal
um vão encalço do tempo.

Há três mil anos somos letradas
nas dimensões de amar,
esse farol que viceja as segas
que borbulha o cosmos
e fareja a violência.

Nós somos o sino da noite,
Ítaca combalida,
que se finge e não toca;
somos o sono demorado que se pensa e acorda.

Nós, um pélagos prestes ao abismo,
um obelisco selvagem de delírio e extinção.



vencedor.
na categoria
POESIA

